

Hiperinflação volta a fazer parte dos cenários dos analistas

LUIZ AUGUSTO MICHELAZZO

SÃO PAULO — As promessas do Governo Itamar, de não adotar políticas de choque, são insuficientes para afastar os temores do mercado. O sinal mais evidente disso é a volta, aos cenários desenhados por analistas, da hipótese de hiperinflação. Tem-se que Itamar Franco, levado pelo agravamento da situação econômica, acabe por adotar uma política populista, em que estariam presentes medidas como pré-fixação de preços e salários, redução de juros por decreto e aumento dos gastos públicos. Neste caso, dizem alguns, o país poderia entrar em um processo agudo de aceleração inflacionária e mergulhar na hiperinflação em seis meses.

Mais tranquilos com a renúncia de Collor, mas ainda não refeitos do susto provocado pela saída de Gustavo Krause do Ministério da Fazenda, onde teria tentado dar seqüência à política do ex-ministro Marcílio Marques Moreira, quase todos os economistas e consultores empresariais ouvidos pelo GLOBO, acreditam que o novo Governo não será capaz de resistir à tentação de aplicar algum tipo de milagre heterodoxo. Pessimistas, eles acham ainda que Itamar acabará por elevar a inflação, afastar os investimentos e provocar mais recessão.

— Se não tivesse acontecido este período de indefinição política, que esperamos tenha terminado com a renúncia de Collor, a inflação já estaria bem mais baixa — afirma o consultor Célio Lora, sócio-diretor da Price Waterhouse.

brasileiros — segundo o consultor José Ecio da Costa Júnior, diretor da Arthur Andersen — defendem-se como podem, mantendo os menores estoques que se tem notícia, reduzindo ao máximo os riscos financeiros. E ainda elevando previamente seus preços, a cada sinal de novo pacote ou aumento da inflação.

— Hoje o empresário tem divida em dólar, mas também quer

Para Lora, a indefinição do governo, agravou-se com a saída de Krause e levou muitos empresários a reverem cenários, que em suas versões mais otimistas chegaram a projetar uma inflação de apenas 15% para janeiro próximo. Escaldados por mais de dez choques econômicos e pelas experiências feitas por uma dezena de equipes econômicas nos últimos dez anos, os empresários

receber por suas vendas em dólar — afirma Ecio, que desenha cenários de uma inflação elevada para o próximo ano. Segundo ele, as taxas persistirão entre 18% e 25%, desde que não ressurgam suspeitas de choques ou planos heterodoxos, capazes de lançar a inflação às nuvens.

Ecio aposta que o Governo vai manter os juros altos, baixando as taxas somente quando conseguir aumentar a arrecadação e diminuir um pouco os gastos da máquina. Ou seja, só baixará os juros quando tiver de captar menor volume de recursos, também pagando juros mais baratos. Considerando o que chama de um cenário trágico e pessimista, o economista Celso Martone, professor da Universidade de São Paulo (USP) e sócio da MCM — a consultoria empresarial do ex-ministro Mailson da Nóbrega —, acha que poderá acabar em tragédia uma política governamental que force taxas de juros negativos, torne o crédito seletivo e aumente os gastos públicos.

— Já estamos cansados de saber que estas coisas funcionam apenas por dois meses, deixando tudo muito pior depois — afirma Martone, salientando que quando a inflação se acelerar, os salários perderão novamente o poder de compra, afundando o país numa recessão com inflação alta.

Para Sérgio Amad Costa, diretor da Trevisan Auditores e Consultores, a inflação vai oscilar entre 20% e 30%, pelo menos até abril, sem risco de hiper ou queda. Ele prevê desemprego persistente, por conta da busca de eficiência e de produtividade, que enxugou os quadros de pessoal.